

Pólvora e grafite

Entrevista com Flávia Lobo por Cadernos de Subjetividade

A gente sempre acha que é o lápis que risca o papel, mas é o papel que risca o lápis. Riscar está diretamente ligado ao conceito de dureza, é sempre o material mais duro que risca. O papel arranca pedaços do lápis após um atrito porque ele é mais duro que o grafite. Assim, é como se a gente achasse que a cidade e os acontecimentos que se dão na vida urbana é que vão riscando um corpo em trajetória nesta cidade, mas é justo o contrario – são os corpos, com suas potências e desejos, que vão riscando desenhos dessa/nessa cidade (real, material, invisível, visível, ficcionada, inventada, todas as cidades possíveis).

Um corpo, quando investido de potência e desejo, pode ser experienciado como um punhado de pólvora. Ou ainda, punhados alinhados de pólvora que, por combustão, transmitem calor e explosão ao punhado seguinte. E um punhado de pólvora pode ser muita coisa: projétil, arma de fogo, foguete barulhento de campo de futebol, biribinha de festa junina, fogo de artifício, explosivos, implosivos... a depender da intenção e da proporção dos elementos utilizados.

O que segue é o relato de um corpo investido de potência e desejo em trajetória numa cidade. Em sucessivas explosões e implosões – detonando pra fora e detonando pra/por dentro – o que se tateia é a tentativa de não se fixar em ideologias ou ideais, nem se deixar configurar, sob o risco de ter contornos por demais demarcados que, por definição, inviabilizariam esse corpo bólido.

Cadernos de Subjetividade: Você começou falando que tinha uma sensação estranha em relação a falar de coletivos porque a coisa é meio escorregadia, não dá para generalizar e tal.

Flávia Lobo: Não é uma sensação, é isso; veja, por exemplo, a minha casa: pensando a ideia do coletivo, o povo é egoísta.

CS: Fala tudo. Vamos falar disso, falar da sujeira que sai todo dia.

Flávia: Olha como é hipócrita: você está num coletivo, tenta fazer autocrítica, se desconstruir dos vícios de comportamento, mas em algumas situações você vê que as pessoas buscam diversos artifícios para não tocar nisto, e se camuflam. Uma fuga de se reinventar. Vai se olhar no espelho, se perceber! Seus autoenganos, suas ações, suas defesas, seus pré-conceitos, suas omissões.

CS: É um grande *Retrato de Dorian Gray*, faz-se de tudo para não olhar o espelho.

Flávia: Exatamente. E aí é isso, a gente vai buscando artifícios. Na minha casa, cheguei um dia e falei: -p não quero mais ter empregada doméstica, não me sinto bem, é um resquício da escravidão; aí o meu amigo responde (ó o conceito) que achava que, na verdade, a gente está ajudando as pessoas, que elas estão crescendo, evoluindo, que hoje em dia ganha-se melhor e é um trabalho digno até (!!!), as filhas das empregadas estão fazendo universidade. Eu falei: - Mas aonde? Aí eu pergunto, aonde você conhece estas pessoas, porque eu tô lá no Moinho¹ e não tem ninguém fazendo universidade, é zero pessoas, entendeu? De uma estatística tira uma pessoa que saiu na mídia, o pobre que fez faculdade. Reconhecer a exclusão e o racismo é importante para mudarmos. O conhecimento acadêmico tem seu valor, principalmente para os oprimidos, mas acho importante lembrar do conhecimento secular

¹ Na cidade de São Paulo é possível ver o percurso das linhas de trem que se bifurcam, para se encontrarem de novo lá na frente. Esse encontro-separação-encontro cria um espaço murado em formato de olho, e dentro desse olho está a última favela do centro, a Favela do Moinho. Ela ocupa há cerca de 25 anos o espaço em ruínas do antigo Moinho Matarazzo e já foi lar de mais de 1200 famílias. Alvo direto da especulação imobiliária e de projetos de "enobrecimento", a comunidade do Moinho resiste em uma das áreas mais valorizadas da cidade, o bairro dos Campos Elíseos.

que os povos originários, os indígenas e os negros têm. E achar que fazer faculdade vai resolver o problema da filha da sua empregada é estar bem distante das agressões que ocorrem na vida dessas pessoas. A universidade não legitima o conhecimento do corpo de quem vive na favela. Estudar é uma oportunidade e é muito bom, mas acho que temos que dar muito valor e respeito para as pessoas que são o foco de muitos estudos, os que vivem a coisa. As pessoas vivas, como as do Moinho, por exemplo, tem um corpo doutorado, totalmente vivo, vibrante, em riste, pro aqui e agora, e a gente aqui fora [fora da favela] é todo mole, cheio de defesa, cheio de problema (a gente que fez faculdade).

Enfim, ficamos nessa conversa por horas, aí falei: - Olha, eu não acredito neste trabalho, para mim não é um trabalho criativo, e eu acho que um trabalho tem que ser uma potência criativa, de transformação humana e ele não é, além de esta pessoa estar tirando a sua merda do seu lixo, entendeu, que você não tem coragem de tirar seu lixinho? Lavar, esfregar sua banheira, helouu privilégio (banheira!!!!), você não esfrega a sua privada, você quer que outra pessoa faça isso. Arrume a sua cama, tire a sua mesa... Se você toma conta da sua casa, da sua saúde, vai criando uma consciência e vai ter uma casa menor, ter menos coisas, porque dá trabalho faxinar. Por isso que tem gente que tem três casas, tamanho de não sei do quê, o cara não entra em contato com nada! Enfim, aí ficamos neste debate, fomos dormir e, no outro dia, ele bateu no meu quarto (conheço ele desde que eu tenho 11 anos) e falou: - Você tá certa, queria pedir desculpas, sonhei com tudo o que você falou, eu tava na defensiva. Porque eu tinha falado pra ele: você fica na defensiva, fica se justificando e defendendo a sua impotência, é ridículo isto. Não tem problema se você assumir que sim, que acha que é isso mesmo, que a gente não deveria ter empregada mas que você não consegue - a gente pelo menos conseguiria conversar com um pouco de sanidade... Eu conversei com as mulheres do Moinho que trabalham como empregada: chegam na casa pra trabalhar e tem calcinha com absorvente no chão, ou seja, deixa que a empregada tira, a menina (patroa) não tá nem aí.

CS: Você acha que é uma modinha? Ou não?

Flávia: O quê?

CS: Esta falsa disposição para o coletivo.

Flávia: Eu acho que para coletivo não existe uma fórmula, é uma construção muito ao revés do que tá pronto aí no mundo. É muito mais fácil bater o cartão e ser empregado do que formar um coletivo horizontal, que é toda hora dar de cara com suas questões pessoais e sua atuação. Não tem nenhum coletivo verdadeiro que não se desconstrua, saia treta, porque a gente está de igual para igual e ninguém deixa passar nada, entendeu? Você não vai pisar em mim e eu vou deixar quieto ou, eu não vou pisar em você e vice-versa e, se eu der mancada, vou ser cobrada, porque a gente escolheu estar junto e é uma questão de utopia, de vida e de fazer transfusão de sangue com quem se acredita, sabe? Mano, eu tô morrendo, mas em você eu acredito, em você, Karlla, eu acredito e, se eu precisar de você ou se você precisar de mim, o que você precisar, o que a gente for construir, a gente se tem, entendeu? Mas tem gente que não vai dar, que é mentira, que não está se questionando, que é muito cômodo ficar num coletivo - e ainda vai capitalizar em cima disto, vai usar para fazer matéria para Folha². Então, é meio assim a minha casa: aí, vamos fazer uma matéria para a Folha, fazer um doc pro GNT falando da nossa casa. Você não faz nem sua faxina, vai falar do quê? Que coletivo é esse? Estamos tentando algo diferente do que morar individualmente nessa cidade, mas temos que saber melhor o que é isso. E a questão maior é este lugar onde a gente não quer se enxergar porque é muito cômodo você não querer abrir mão dos seus privilégios, não olhar a luta de classes, achar que sua empregada é sua amiga, ahhhh meu, para!!! Eu tinha quatro anos quando a empregada da minha avó me conheceu, eu tenho 36, faz 32, nunca fui na casa dela, ela é gente boa, sim, é gente boa, mas se ela pudesse enfiar a faca, entendeu, não sei, ela ia falar: vocês são um bando de burgueses, minha vida não mudou nada... É isso, a vida dela não mudou nada, faz 32 anos que ela é empregada e limpa a casa da minha família, e não mudou nada, entendeu? Outro dia, uma amiga falou: - a empregada queimou a minha calça. Ahhh, dá licença, se liga! Todo mundo faz merda no trabalho. Isto não deveria nunca ser um assunto que se fale para alguém, devia ter vergonha de ter empregada e falar que ela queimou sua calça, sua calça não é importante. Mas é isso, eu estou meio cansada, porque eu sinto estes conflitos nas contradições da minha vida. Preciso trabalhar, preciso existir, preciso pagar conta, cair na real e não vou fazer isso sozinha, quero fazer isso com quem realmente quer mudar o *status quo*.

² Jornal Folha de S. Paulo.

CS: Mas o que é a real de um coletivo, existe uma real?

Flávia: Eu sinto que são ideais de resistência – estes coletivos que eu acredito, que eu mais gosto, que são as pessoas mais firmezas, pra começar, eles entendem a luta de classes.

CS: Ninguém apazigua nada.

Flávia: Não. E entendem uma coisa que eu acho muito importante. A Debora, das Mães de Maio³, que fala isso e ela tá muito certa: são sempre os mesmos corpos que ocupam os mesmos espaços. Então chego eu lá, branca, classe média, universitária, com todos os meus privilégios, meus contatos e vou falar, entendeu?

CS: A gente fura todas as bolhas.

Flávia: É, a gente já tem tudo na mão. Ela tá certa, na hora de subir no palco ou falar com não sei quem, quem vai? Vou eu!? Não pode ser assim, e a gente evita isso. Tem muita gente buscando lugar de fala a vida toda e a gente tem que aprender a escutar. A galera que eu acredito é retaguarda, a gente é retaguarda, a gente não é vanguarda, entendeu? A gente esta junto porque acredita em um outro potencial de vida, a gente acredita na potência de vida, não nesta morte coletiva que a gente vive socialmente, mas para fazer isto você tem que questionar seu lugar o tempo inteiro.

CS: O que é estar na retaguarda? Conta um pouco sobre como esta construção de retaguarda.

Flávia: Quando o Haddad chama para uma reunião, quem tem que ir, quem tem que falar são os moradores, não dá para a gente da classe média ficar falando; porque a gente tá lá, lá na luta, tá dando o sangue (fiquei lá dois anos dando o sangue), mas na hora de levantar e falar, quem vai falar é a Alessandra. Aí vem convite, vários convites da prefeitura. Bora tomar um café Flávia e Caio. E nós: – Vamos, vai lá na Casa Pública, um espaço de encontro que fizemos, de articulação, de conflito, de formação, um espaço onde os moradores podem se

3 Movimento Mães de Maio

encontrar, onde a associação pode receber a prefeitura, onde colam os parceiros da luta do Moinho etc. e a Alessandra vai estar lá, a porta vai estar aberta, todos os moradores podem colar, a gente não vai se promover em cima deles, a gente quer fazer junto, conjunto.

CS: Que é muito diferente desses caras que você fala que estão na vanguarda, que se tiverem voz eles querem mais é falar.

Flávia: Eles vão falar. Tem muita ONG na periferia que chega capitalizando porque a pobreza, a manutenção da pobreza gera lucro.

CS: Lucro, projeção...

Flávia: Coisa super legal para as ONGs... deixa lá, pobre sendo pobre o resto da vida... Uma diretora de ONG com um salário de 13 mil reais, mas é um absurdo!!!! Aí a mulher que trabalha lá, que abre a creche todo dia, ganha um salário mínimo, e é assim. Então é muito pesado, é uma manutenção do privilégio - principalmente -, e muita gente não quer abrir mão disso. E estes cargos? Para quem é estes cargos (diretoria etc.)? Destinado para a classe média branca, universitária etc. Mas vai ser à faca que vai ser tomado, entendeu? Não tem como. É isso, tentar desconstruir este lugar que a gente tem, os privilégios... e não ser inocente em saber o nosso papel, não é não saber: quando a gente tiver que levantar e dar um berro, a gente levanta e dá um berro mesmo, porque a gente tem poder de tremer muita coisa, muitos parceiros, imprensa etc. Só que na hora que a imprensa chegar, eu vou falar que a Alessandra é quem vai falar - foi o que a gente fez o tempo todo, pode colar todo mundo, mas quem fala é a Alessandra.

CS: Quem é a Alessandra?

Flávia: É uma moradora do Moinho, mora lá há mais de 20 anos.

CS: Moradora que você falou que há muito tempo é a voz do lugar.

Flávia: É. Ela é muito foda. É minha amiga, uma pessoa muito foda que vive as diferentes formas de criminalização da pobreza. A pobreza usada como instrumento de marginalização, e é aí que acho que a gente tem que conseguir quebrar a coisa pelo meio. A Raquel Rolnik fala que o centro de São Paulo está

sendo observado pelo mundo inteiro porque ele ainda não foi gentrificado e ainda tem essa vivacidade de ter um apartamento incrível para quem tem algum poder aquisitivo ao lado de uma ocupação maravilhosa, de um puteiro, de um boteco, dos africanos que acabaram de desembocar aqui, e você vê esse lugar vivo, mesmo com todas as pressões e questões que envolvem os planos de enobrecimento e expulsão da população de rua e das ocupações e favelas.

Enquanto isso, vai se fortificando a cidade doente, cheia de muros, de segregação, de condomínios, carros blindados. Onde se paga para ficar louco, paga-se pra fica insano: segregar, segregar, segregar e achar que está seguro, no fim são só recursos de insegurança. É muito doido pensar isto também. Eu estou sentindo um pouco de uma loucura porque eu acordo no meu bairro, na minha casa⁴, e não tem este estímulo de transformação como quando eu dormia no Moinho. Lá você acorda e já é uma coisa viva, natural - levanta um cimento, vai ali falar na creche que a criança não sei-o-que, é tipo uma escala menor de uma cidade, onde as pessoas são solidárias, se conhecem há muitos anos, cresceram juntas e isso é muito forte. Lá você participa de todas as esferas, a vida não é terceirizada.

CS: É possível construir as esferas?

Flávia: É, é isso! A gente vai na creche reclamar que tá acontecendo isso e aquilo e vai na UBS porque tem rato e vão tratar na zoonose e vai tratar a vacina do cachorro e vem a Eletropaulo e todo mundo vai lá falar com os caras, é uma coisa borbulhante, as pessoas são borbulhantes: bora organizar a festa pras crianças, bora fazer um bolo de 2 metros, precisa de 30 mulheres, uma coisa viva. E tem 30 mulheres e tem bolo de 2 metros e assim vai...

CS: Muito interessante, porque a sua casa, a princípio, seria um microcosmos deste microcosmos, já que é uma casa coletiva e que teria esta vivacidade.

Flávia: Mas o problema é a classe média, que não quer abrir mão de seus privilégios jamais e se desconstruir, e desconstruir as crianças. Muito difícil educar

⁴ Uma casa coletiva, onde as pessoas se juntaram sem se conhecer. Não vieram por um ideal claro, mas para juntas descobrir o que é isso de comunitário, dentro dos costumes classe média individualistas, solitários e egoístas. Já morei com mais de 27 pessoas nesses três anos, e cada composição física trás novas composições coletivas.

filhos, como você ensina ética pra um filho neste mundo? A Iris⁵ brincando de empregada com as meninas lá da casa. Aí eu fui falar: - ó, vocês estão pensando no que estão fazendo? O tempo inteiro ser mais crítico, é apontar e se rever. E eu: - você tá achando legal ser empregada? Então, agora você vai ser, gostou? Não, claro... é melhor ser designer, dar aula em universidade, ser convidado para falar em outros países, mas que horas que você tirou para tirar seu lixo? Nenhuma... Quero ver você cavar este tempo de plantar sua comida, fazer sua comida, cuidar de você, limpar o seu cocô... Eu entendo que seja difícil, mas que, pelo menos, se busque, que se tente desconstruir em algum lugar, não só no discurso. Pelo menos tentando não ocupar o espaço o tempo todo com o seu corpo branco, classe média - sempre que você puder subir num palco e pegar no microfone, ah cara, larga o microfone, passa para quem nunca falou, sabe... Para Iris, eu tento mostrar até demais as incongruências da realidade. Outro dia eu falei: - Você tem que pensar nisto e blá blá. E ela disse: - Mãe, eu já tenho que me desconstruir em várias coisas. Haha.

CS: Agora me fala uma coisa, uma vez você me contou como é difícil para Iris, pelo olho dela que é uma criança e vive diferentes realidades, a escola, o Moinho, a casa coletiva. Como você acha que ela lida com tudo isto?

Flávia: Ah, eu acho que é uma coisa muito em longo prazo, não idealizo, estou tentando mostrar outras construções e potências para ela. Ela é uma criança, sofre as tentações de consumo, mas acho que nesta desconstrução do corpo físico ela tá muito à frente. Eu mesma, depois de entrar no Moinho pós incêndio - era a primeira vez que eu ia lá e eu não sabia nem onde sentar, eu não conseguia -, eu achava tudo muito sujo. Mas a Iris, no primeiro dia em que foi lá, depois de estar tudo queimado, começou a pegar umas coisinhas, a plantar... a criança é mais livre. A gente vai sendo docilizado: senta direito, fala direito, não corre - este condicionamento do corpo, este corpo totalmente controlado -, e a gente vai reproduzindo o não pode: não pode isso, não pode... Aí, você chega na favela e é um lugar onde as crianças com 5 anos estão andando sozinhas, elas estão o dia inteiro na rua, o dia inteiro criando, vivas, se relacionando, não é esta coisa da casa solitária, individualista, sofázão... na favela é todo mundo se encostando, o corpo contra outro corpo porque não

⁵ A Iris é a filha da Flávia, tem 11 anos

tem uma cama para cada um, porque não tem um sofá para cada um, uma cadeira - tudo vai dividir, tudo vai compartilhar. Tudo tem a ver com ser mais solidário.

CS: E porque você voltou tão brava dá viagem? [a Flávia visitou a mãe que mora em Minnessota].

Flávia: [rs] Não, eu não estava brava, ah sei lá. Estou cansada. É uma questão de disposição: se a gente reproduz tudo aquilo que a gente quer combater, aí não muda muito. Enfim, tô buscando me enxergar depois desses anos no Moinho e entender a conjuntura para saber melhor para onde ir. Por exemplo, neste momento, minha casa não responde às mudanças que eu busco, e tenho pensado nisso. Temos uma tentativa de uma casa coletiva, melhor do que o individualismo de a gente viver cada um na sua casa, mas não tem nenhuma utopia, a gente não se uniu por causa de um ideal, acabou acontecendo deste jeito e eu acho que pode ser diferente, mas ela ainda não é. O bairro dela não é. É a estética da Vila Madalena, do Sumaré. Ontem eu estava sozinha em casa, queria sair um pouco, mas queria estar no Moinho, no Centro, no Bixiga, queria ir no boteco e comprar uma porpeta e tomar uma bebida e voltar pra casa, mas lá perto da minha casa não tem, não existe, naquele bairro lá você só encontra um prato de 30 reais.

CS: Já é um pacotinho, vem tudo empacotado pronto para ser consumido (*lifestyle*, vida, estética).

Flávia: É uma mesma estética. Não falta transporte, ninguém vai lutar por nada, não precisa. As praças não tem banco, mas ninguém quer se conhecer mesmo, pra que ter banco? Não precisa. A prefeitura fica horas fazendo manutenção dos jardins das praças. Pra nada, porque ninguém nem usa, é só um paisagismo na cidade, não tem arvore frutífera, não tem os bichos soltos, as crianças brincando, barulho, conflito. Zonas de cada um no seu mundinho, cada um no seu muro, na segregação mesmo. Não tem a área do conflito. Meu filho brigou com o seu, ótimo, que bom, agora eles vão ter que se resolver, porque eles são duas pessoas e eles vão ter conflito e vão continuar os dois morando aqui, convivendo, dividindo brinquedo, é bom, é saudável... Mas se fica cada um na sua posse não tem conflito, cada criança com seu quarto, com a sua empregada, com a sua super casa, piscinas enormes. Eu vejo ali no meu quarteirão, ninguém nem usa as piscinas, não tem nem barulho de gente

gritando, fazendo barulho, pulando na piscina. Bota uma piscina na favela, você vai ver [rs] o negócio vivo o dia inteiro, bombando, gritaria, sabe, legal, saudável. Existe. Ontem eu estava lendo uma matéria super legal que era do... até anotei o nome dele. É um tema que eu estava até pensando em estudar para um mestrado ou sei lá, uma pesquisa, sobre a mulher no espaço público, e ele falava... espera, Antonio Risério⁶, sabe quem é?

CS: Não.

Flávia: Ele é da Bahia, antropólogo baiano, vou comprar o livro, achei bem interessante, mas não conheço também. Ele falava que a cidade não foi feita para as mulheres. Primeiramente, foi feita por homens, não existe nem registro de arquitetas, engenheiras, nem nas tribos indígenas. Quem faz a casa é o homem e a mulher vai agregar valor à construção, que são os valores domésticos. E que por isso a cidade foi considerada um perigo para as mulheres e que a grande evolução está no movimento feminista, das mulheres buscarem igualdade. Ele fala das cidades segregadas entre homens e mulheres e o corpo da mulher nessa cidade, e fala também sobre a diferença entre a classe média e os pobres, já que as mulheres pobres sempre transitaram pela cidade, servindo as casas grandes, o comércio etc. Ou seja, o corpo que vem da pobreza sempre foi um corpo mais exposto, e essa coisa da cidade (também fiquei pensando isto na viagem que acabei de fazer), a escala de São Paulo é muito específica. Aqui é uma escala tão gigantesca, não sei como que faz, talvez criar micromunicipalidades construídas com os moradores, não para os moradores. Tentando alcançar um debate realmente público *versus* o poder imobiliário massacrante, que é quem manda na cidade, quem manda nos nossos corpos, quem segrega e aonde a gente não chega. Essa manutenção de um corpo em estado de “tá tudo bem”, quando na verdade a gente sabe que não tá tudo bem... e esse corpo em que ninguém encosta, todo protegido, fechado por grades, muros, portões, carros, seguranças, corpo de condomínio e *shopping*. É disso que eu sinto falta, não vou passar o dia nesta manutenção do “tudo bem”. Não está tudo bem, não vai dar, a gente precisa conseguir explodir em algum lugar, em um lugar que se avance, sabe, é isso, que vai avançando aos poucos.

⁶ Antonio Risério é um antropólogo, poeta, ensaísta e historiador brasileiro

CS: Então, da última vez que a gente conversou você falou muito de luta, que a luta está muito ligada à este lugar em que se avança e pensando sobre a coisa da retaguarda que é talvez a força que faz avançar. A retaguarda na figura destas mulheres. Mas o que seria avançar?

Flávia: Ah, avançar são pequenas conquistas simbólicas na luta diária e as conquistas efetivas mesmo. Expor os erros, os machismos, os racismos, os nossos preconceitos e ir avançando. As coisas vão ter que ser tomadas - não vai ter cafezinho e aperto de mãos, porque não têm acordo, ninguém vai dar nada pra ninguém.

CS: E por que não tem acordo?

Flávia: Porque não tem, porque quem tá com dinheiro e quem tá com o capital tem interesse na manutenção da pobreza, não no rompimento. Estava lendo este cara dos espaços públicos (Antonio Risério), ele fala sobre uma arquiteta, uma das primeiras mulheres arquitetas [ele fala da Lina Bo Bardi e mais duas] que chama Carme Portili. Ela construiu as moradias populares da época do Getúlio pensando um espaço comunitário, com escola, encontro, casas feitas em mutirões, outros pensamentos...

Por que o que é o Minha Casa Minha Vida? É uma cadeia disfarçada, um monte de casinha, tudo rachada, cheia de probleminha estrutural, que não vai aguentar nenhuma vida porque vida borbulha, se mexe, a vida não é igual, certinha, padronizada... e no Minha Casa Minha Vida a janela é igual, tudo tem que ser padrão. A pessoa é igual? A vida precisa da subjetividade, a pessoa precisa da subjetividade. Quando eu falo de luta são estas pequenas conquistas que a gente vai ter que cavar, vai ter que tomar... enfrentando o capital que está vencendo, controlando os corpos, a estética. Quando me afastei do dia a dia do Moinho, comecei a pensar na continuidade das minhas ações, com quem estar do lado, e nesse extravasar mais, e eu quis muito chegar neste lugar, mas a falsa esquerda está complicada e eu só acredito na luta autônoma, de base, de empoderamento, sem zé povinhar.

CS: Zé povinhar?

Flávia: É, zé povinhar. [rs]

CS: Ah, amei. [rs] O povo vem zé povinhar.

Flávia: É, lá no Moinho tinha muito disto, porque as pessoas estão acostumadas com a ideia de que alguém vai fazer por você e quando você começa, por exemplo, a limpar um espaço cheio de lixo, esgoto, entulho, as pessoas te olham desconfiadas, achando que não vai mudar nada, mas no processo elas começam a ver essa força da ação e principalmente as crianças vêm para somar. A gente tem esse lugar do privilegiado e isso causa raiva, porque eles já tentaram falar tanto com o prefeito, já tacaram fogo, já perderam coisas, aí chega a gente falando que vai botar luz e fazer o esgoto e consegue a reunião com o prefeito, puta que pariu, entendeu?... Fica a pergunta deles pra gente: quem são vocês? Caralho, o que vocês querem? Vocês querem ganhar um terreno? E a gente: não. Agora que a gente se afastou do cotidiano, eles perguntaram: mas vocês não vão pegar uma casa? Eles não entendiam, a polícia não entendia, chegava e perguntava: vocês são ONG? A gente: não. Universitário? Não. Então de uma igreja? Não. Então vocês são o que, estão aqui comprando droga? Não. Quem são vocês? Não existe isto de não isso, não aquilo, tem que ter um interesse - sempre ligado ao capital -, ou o seu interesse só pode ser se promover, conseguir um cargo na prefeitura, fazer uma reunião de portas fechadas, conseguir alguma coisa, mas não é o que acreditamos e o que fazemos.

CS: Manutenção dos privilégios.

Flávia: É. Toda vez que a gente foi participar de alguma coisa - da Bial e do Vai, que foram as duas coisas com grana que a gente fez com o Movimento Moinho Vivo - foi dividindo o dinheiro igualmente entre todos. Na Bial assino eu, Caio e Alessandra, porque a gente tinha empresa e a gente dividiu a grana entre 10, 10 iguais, eu com o meu conhecimento, com a formação, num sei o quê, igual ao Dedé, que é um menino de 16 anos, foda pra caralho. Eu só tô lá fazendo a Bial porque eles existem e porque a gente avançou junto neste pensamento de compartilhar.

CS: Nesta resposta: todo mundo queria saber o que vocês estavam fazendo lá. Os moradores queriam saber, a prefeitura queria saber o que vocês estavam fazendo lá...

Flávia: A gente queria saber [rs], e foi descobrindo vivendo, não chegamos com uma coisa pronta. O Caio (fundador do projeto Comboio) chegou antes de mim, sabia mais o que queria fazer, eu fiquei olhando e sacando o que era

aquele espaço, aquelas relações, nunca tinha militado.

CS: Tem algum fundo de resposta pra isso ou não tem fundo nenhum? Ou foi uma convocatória do seu corpo que te levou pra lá e você ficou enquanto esta convocatória existiu.

Flávia: Eu vou responder por mim, né, da minha natureza e da minha insatisfação humana de olhar e falar que não tá tudo bem, sabe, não consigo achar que tá bem. Eu chego numa escola e ela me destrói, em uma firma, ela me destrói, não consigo estar viva (porque, como já disse, não tá tudo bem). E no Moinho foi isso, quando não têm uma relação de interesse principalmente de capital, é uma força maior que vem, vital. E tudo pode nestas zonas e nestes espaços informais que são as favelas. Se a gente quiser, a gente constrói um prédio, a gente vai! Não tem que ter o dinheiro, empreiteira, o engenheiro... Lá eu sou engenheira, a Alê, o Dedé, a gente é e a gente pode tudo. É acreditar na potência de cada um, e eu acredito nisso. É riscar o chão e ir para o outro lado, onde a gente é vida. É assim: vamos botar fogo agora na Rio Branco porque eles falaram que iam ligar a luz e não ligaram. Levantam 10 pessoas, cata pneu, sobe, bota fogo, para a cidade, já começa um monte de helicóptero... é assim, entendeu? Não tem essa coisa: ai, vamos pensar uma forma estratégica, mapear uma revolução, não tem. É experimentando, botando o corpo em risco o tempo todo, não ter um método. A gente nunca teve um método, nosso método é não ter método, é só o estar aqui e agora juntando a sua potência com a minha. Tem o Dedé, este menino que eu falei. Ele não sabe ler nem escrever. Daí eu: bora lá aprender a ler e escrever, você é um guri, tem 16 anos e não sabe ler, você é inteligente pra caralho, seus desenhos são a coisa mais linda - fiquei apaixonada pelos desenhos dele, um menino foda, muito foda. Daí ele responde: ai Flávia, vc é chata, ler e escrever, você é chata, chata, chata. E eu, beleza, a gente vai achar um jeito. Aí, um dia a gente tava lá na casa, escutando Racionais, fazendo uma comida, eu falei: senta aqui Dedé, como escreve seu nome? É assim ó, deixa eu escrever uma coisa para você. Aí ele: eu sei escrever meu nome! Eu: então você fala uma palavra e eu falo uma palavra, aí você escreve. Ele falou o nome da menina que ele gostava, aí eu falei, sei lá, revolução, aí ele falou Paloma, falei favela, aí ele falou sexo, e a gente foi indo e aprendendo e escrevendo em cima do que é vivo, e foi muito lindo ver ele assim, em cima de uma coisa real. Às vezes ele vinha, e eu: vamos Dedé. Um pouquinho e ele começou a ler o que está escrito na favela, o que tá pixado. Ó, está escrito na porta da sua casa uma coisa, vamos ler o que está

escrito, “favela do Moinho resiste, favela do Moinho pega fogo mas não apaga” – ele viveu aquilo, ele viveu os incêndios, então aquilo é mais próximo pra ele.

CS: Ele nasceu na favela?

Flávia: Nasceu lá, cresceu, a mãe, o pai, as irmãs, todo mundo lá, ele têm 16 anos, a mãe têm uns 40. E eu tentei fazer a coisa com o que é mais próximo pra ele, na escola a professora vai tomar prova dele, mas com as condições de vida dele? Como fazer? Aí é conversar todo dia, botando ele pra cima na potência dele, autoestima do que ele é, e ele é um cara maravilhoso, sou apaixonada por ele, falava: você é demais, meu, te amo. A gente fez a Bienal juntos, ele ganhou dinheiro, comprou a TV enorme, haha, tatuagem, TV, moletom, falei, gasta mesmo, é seu, faz um quarto aí pra você, aí ele fez um quarto no barraco dele... e é isso, essas zonas informais... por isso a rua é um lugar maravilhoso, tem que ser tomada. Não aceitamos a precariedade e a ausência do poder público, mas reconhecer que esperar não vai dar. Quem disse que não pode botar fogo agora na rua? A gente aprendeu que não pode, mas se a gente quiser chamar atenção pra uma questão justa, a gente vai colocar fogo e vai chamar e vai ser importante e vai reverberar, sabe; a tomada de rua, 2013, que foi muito vivo, foi bom a gente ter vivido isso, né, tava um mundo oco, estéril, falando: “gente socorro, o que vai acontecer? a gente tá morrendo assim”. E 2013 foi o começo da busca por algum percurso, não é uma resposta de nada, mas todo mundo olhou e falou: tô vivo! eu também, eu também, eu também, e foi bom encontrar estes corpos, eu tô vivo, eu tô vivo, eu tô vivo, *nossa da hora assim*, a gente levava eles (do Moinho) nos atos e falava: olha, vocês vão ver como a mídia é preconceituosa, o que que eles estão falando ali, agora voc vai ver, vem olhar com seu olho, vem ver. E vem ver o q é black block, essa tática, não é um grupinho. É uma potência viva, uma ação, eu posso ser black block, você.

CS: É um gesto, uma pessoa, uma ação.

Flávia: E aí a gente ficava olhando a polícia, eles que vão começar a treta, e batata, uma e outra vez, eles provocam, eles empurram, este controle do corpo, tentando controlar todo o movimento, tentando achar um líder, cadê o líder? Não tem. Como não tem? Fica puto. Então o seu ato não vai sair... cerca, cerca o ato! Não, mas peraí, vai cercar o ato, cercar os nossos corpos? Mas tem

que ter um líder, senão não vai sair. Porque, para eles, não existe nada sem líder, estão acostumados com hierarquia e a relação de comando-obediência.

CS: Aí eu te falo uma coisa, agora há pouco você disse que o capitalismo tá ganhando, mas eu vejo justamente nesta falta de verticalidade entre as relações [capitalismo é o senhor vertical por excelência, o senhor controle por excelência] que é a resposta que tá vindo das ruas, e é molecular, e está nascendo em qualquer canto, em qualquer gente, em qualquer gesto, em qualquer corpo hoje, e é justamente do *não vertical*, que não têm líder.

Flávia: Sim.

CS: E nesse sentido você não acha, talvez, que capitalismo esteja em plena ruína?

Flávia: Eu acho que isto é uma perspectiva muito em longo prazo.

CS: Sim.

Flávia: Queria até estudar mais sobre isso.

CS: Historicamente, talvez nem seja possível em uma vida a gente compreender o movimento de ruína de um sistema inteiro.

Flávia: Mas eu acho que sim, se a gente pensar nas transformações históricas que a gente conhece. Não é de uma década, é uma construção no longo prazo. Então é o que a gente está vivendo agora, o feminismo tá pautado no facebook, cada vez mais a gente vai ter que criar estas rupturas, estes pequenos conflitos - que já estão aí há muito tempo - e ir trincando o capitalismo, que está morrendo, que sangra todos os dias, assassina todos os dias, persegue, controla. Como faz? Não tenho certeza de quem é essa frase, mas ela diz que “nas lutas temos que organizar as frustrações”, é isso. A gente vai, faz reunião com Haddad: amanhã vai quebrar o muro. O muro é risco, é incêndio. Vai conversar com uma criança que passou por incêndio, ela acorda toda noite de madrugada sonhando que tá pegando fogo, de novo, de novo... E esse trauma? Quem vai cuidar dela? Quem vai falar pra ela, enquanto ela está dormindo em um galpão e o rato tá comendo a perna dela, que isso não é normal, que ela não merece, ela têm só cinco anos, uma menininha, a coisa mais doce, linda. Como explica que esse mundo é tão escroto para ela? E aí

vem o Haddad e fala: amanhã!!! Amanhã a gente vai quebrar o muro⁷. Aí a gente comemora, fala: amanhã meu, *da hora*, puta, conseguimos!!! Amanhã (com toda esta tentativa de não fazer reunião com portas fechadas, de gravar a reunião inteira, de passar em assembleia, de botar os moradores pra falar etc.), aí já é amanhã e o cara some... aí a gente esperou um mês e fomos e quebramos o muro com as nossas próprias mãos, porque aquilo ali tá deixando todo mundo louco, e ele falou que vinha e não veio!!! O gesto é: vamos agir pra gente não ficar louco, pegar uma marreta e quebrar esta merda, aí quebramos, e entupiu de polícia, lotou.

CS: Por que quebrar o muro?

Flávia: Tinha um muro no Moinho - que é em formato de olho e têm as linhas dos trens dos dois lados. São seis de um lado e dois de outro. Para entrar você passa embaixo do viaduto, cruza as primeiras linhas do trem, que são estas duas linhas últimas, ida e volta, e aí você está no Moinho. Só que depois que teve o incêndio no prédio do Moinho Matarazzo - que foi 2011 -, o Kassab, que era prefeito na época, botou um muro pra fazer a demolição e lacrou uma passagem. E do lado de lá do muro tem uma saída que dá pro Bom Retiro, que é onde entra o caminhão do corpo de bombeiro, se tem incêndio. E com o muro não entra/sai mais, entendeu? E o Kassab fechou essa saída/entrada. Na única saída/entrada existente após o fechamento do muro o corpo de bombeiro não entra/sai. E nessa saída/entrada tem uma empresa que não é aberta e nem as pessoas circulam por ela. E sobre este muro tem um laudo do corpo de bombeiros dizendo que ele põe em risco a população. Há mais de um ano circulando este laudo, e nada!!! E aí a gente bateu na porta do Haddad, porque o Haddad foi fazer campanha lá, foi lá se promover, falar que ia regularizar, urbanizar, teria que trabalhar muito duro pra isto, mas ele ia fazer. E ele só enrola, enrola; já, já ele sai da gestão e deixa tudo quieto. Porque o Moinho é treta, é treta gigante: com o governo do estado, com a CPTM que tem interesse em colocar uma estação de trem lá, e aí você se pergunta: porque lá, se do outro lado da linha é o mesmo tamanho do terreno e tá vazio? Entendeu? Porque tira pobre do centro de São Paulo. Eles têm todo um plano de higienização: Sala São Paulo, Pinacoteca, Sala de dança etc.

⁷ Promessa da Prefeitura de São Paulo de quebrar o muro da favela na gestão do prefeito Fernando Haddad.

CS: Sesc, porto seguro.

Flávia: Todo este enobrecimento e o “tudo é de todo mundo”. Não, não é. Você acha que a pessoa que é pobre se sente convidada a entrar na Sala São Paulo? “Ah, mas tem o dia de graça. Vai lá, é só ir”. Não, não é só ir lá, o meu corpo não ocupa o mesmo espaço que o seu, entende, não dá, eu chego no lugar, todo mundo olha pra mim, entende? Não vou entrar porque vou ser julgada, não é confortável, sabe... Mas aí é isso, o Haddad não foi lá, e a gente foi e quebrou o muro - tem um vídeo, tá lá na página do YouTube do Moinho ou na da Comboio⁸. A gente quebrou o muro, que é o mínimo que a gente fez para manter a segurança no local e a sanidade geral. A gente marcou um sarau pra chamar todos os participantes e trazer visibilidade, porque a gente sabia que a polícia ia baixar (e baixou pra caramba). Cheio de polícia; ficaram putos, falaram: vocês não podem fazer isto. A gente falou: a gente vai fazer, a gente já tá fazendo. Começamos quatro dias antes, porque eram seis metros de altura, 30 cm de concreto armado, assim ó, nhenheq nhenheq, só na marretada, marreta, no braço.

CS: Quantas pessoas envolvidas?

Flávia: Ahhh todo mundo, a comunidade inteira, foi animal. Aquele espaço está em disputa judicial, eles têm a tutela antecipada de uso capião, só que existe muito interesse na área. O Kassab, ó o que ele fez: quando ele demoliu o prédio dos Matarazzo, entrou com pedido de desapropriação da terra - pedido da prefeitura -, e aí não existe uso capião em terra pública, então ele foi muito oportunista. Mais um processo dentro de uma lista de um monte de processos, e ninguém consegue fazer nada, um grande imbróglio jurídico. Enquanto isso, os moradores têm que esperar, mas esperar o quê? Este terreno é deles, ampliamos em um A3 o documento da tutela antecipada da área inteira e mostramos pra polícia no dia do ato. A tutela contempla o terreno todo e, enquanto não for decidido, é nosso, é dos moradores, que agora estão construindo um cinema público, do lado de lá, depois do muro. A gente vai lá dar uma força também.

8 Disponível em: <<https://www.facebook.com/moinhoresiste>> e <<https://www.facebook.com/comboiocidadelivre?fref=ts>>.

CS: *A gente* é você e o Caio?

Flávia: É, eu e o Caio, a Comboio.

CS: Fala da Comboio.

Flávia: Resumidamente, pesquisamos o processo de gentrificação no centro de São Paulo e atuamos com os movimentos de resistência. Atuamos criando espaços de forma participativa, de baixo pra cima. Mas não temos uma fórmula, cada lugar demanda uma ação e junto com quem tá nós somos. No Moinho, erámos eu, Caio, Dedé, Ale, Jé, Didi, Bruna, Paloma, Tetê etc.... Também já fizemos alguns projetos em escolas para discutir a disputa do direito a cidade.

Mas fiquei pensando muito nesta impermanência de ser o hoje. Hoje a gente não tá na favela, a gente tá na rua, a gente tá tentando militar com quem a gente acredita, e é difícil pra caramba, é super difícil ter tempo, conseguir avançar nas pautas e nas demandas.

CS: E como você lida com essa impermanência?

Flávia: Ah, hoje eu entendo um pouco mais tudo que eu já fiz e senti, mas eu sempre fui uma pessoa com um tremor interno, uma inquietação, eu nasci com esta dor, entendeu? Puta que pariu, não sei de onde ela vem, ela tava comigo desde sempre e, às vezes, eu não consigo lidar e, muitas vezes, é físico mesmo. Eu tenho questões com luz, com os espaços, eu chego num lugar e eu não acho o lugar incrível, genial... sempre penso: a gente pode mudar tudo, transformar tudo... não é botar a parede branca, o vasinho de flores e cada um na sua grade, entendeu? Jamais!!! É desconstruir, é descobrir a potência, ter aonde expandir o meu corpo, achar a memória local, a minha espacialidade e falar com as pessoas, falar: vamo, vamo. E esse vamos é muito bom. Sempre vamo, vamo, vamo, e eu acho que é isso, fui encontrando uma resposta mais acolhedora para esta vibração, que é uma inquietação gigantesca, que é uma revolta. É uma coisa muito natural, e eu preciso encontrar acolhimento em algum lugar, estudar. Quando eu leio, vou encontrando, quando encontro estes parceiros de luta, vou encontrando resposta e com eles vou entendendo também a minha frustração em olhar a gente tão potente e o estado/poder público nesse controle do corpo. É assim, a gente avança, avança, é um avanço, mas não é um avanço com perspectiva capitalista, de consumo, com

reconhecimento que o dinheiro e o *glamour* trazem, porque não tem *glamour* nenhum, é só real. Eu sei que existe uma resposta, pelo menos em algum lugar existe, e conseguir estar em algum espaço que seja criativo pra todo mundo, que seja das potências pode ser uma resposta. Mas também parece tudo perfeito, e é o oposto disso, é vivo, e por isso não é perfeito.

* Flávia Lobo de Felício é estudante militante, integrante do projeto Comboio, educadora e ilustradora. Formada em Artes Plásticas pela FAAP, vive e trabalha em São Paulo.

